



EXPOSIÇÃO OU CONTROVÉRSIA MÉDICA? NAS TRAMAS DAS RELAÇÕES DE PODER E SABER ENTRE MÉDICOS NA CIDADE DA PARAHYBA EM 1877

MEDICAL EXPOSURE OR CONTROVERSY? IN THE PLOTS OF POWER AND KNOWLEDGE RELATIONS BETWEEN DOCTORS IN THE CITY OF PARAHYBA IN 1877

Serioja Rodrigues Cordeiro Mariano*

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

 <https://orcid.org/0000-0001-6010-0001>

seriojam2@hotmail.com

Janyne Paula Pereira Leite Barbosa**

Universidade Federal Fluminense – UFF

 <https://orcid.org/0000-0001-5592-1673>

janynebarbosa.pb@gmail.com

RESUMO: O Brasil Império configurou-se como um período da História do Brasil caracterizado pela consolidação de instituições, de campos de saber, de ideias e de novas práticas que estiveram diretamente associadas ao cotidiano da população. Nesse cenário, a cidade da Parahyba, no ano de 1877, foi palco de disputas de poder e saber entre médicos que, por meio dos impressos *O Despertador* e *A Opinião*, discorriam e discordavam a respeito do tratamento de um paciente. Em diálogo com a Nova História Cultural e com base na análise da trama por meio dos jornais citados, esse artigo tem por objetivo mostrar como o campo da medicina era permeado de conflitos, muitas vezes gerados em decorrência das interpretações em relação a algumas patologias e da eficácia ou não das terapêuticas empregadas para combater as doenças, como no caso da Parahyba.

PALAVRAS-CHAVE: Médicos, Impressos, Doenças.

* Professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História/UFPB. Coordena o grupo de pesquisa "Sociedade e Cultura no Nordeste Oitocentista".

** Possui graduação em História pela Universidade Federal da Paraíba, mestrado em História pela UFPB e atualmente é Doutoranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense - UFF, com pesquisa sobre a História da saúde e das doenças na Guerra do Paraguai.

ABSTRACT: The Brazil Empire was configured as a period in the History of Brazil featured by the consolidation of institutions, fields of knowledge, ideas and new practices that were directly associated with the daily lives of the population. In this scenario, the city of Parahyba, in the year 1877, was the stage of power and knowledge disputes among doctors, through the printed material *O Despertador* and *A Opinião*, discussed and disagreed about the treatment of a patient. In dialogue with the New Cultural History and based on the analysis of the plot throughout the cited newspapers, this article aims to show how the field of medicine was permeated with conflicts, often generated as a result of interpretations in relation to some pathologies and the effectiveness or not of the therapies used to fight diseases, as in the case of Parahyba.

KEYWORDS: Doctors, Printed, Diseases.

Mesmo porque reconheço as inconveniências destas discussões, com as quaes nada lucram os doentes e só tem a perder os medicos, que procuram encobrir suas faltas com sophismas e erros (...).¹

Há circunstâncias na vida clynica, em que o médico que presa a sua reputação, tem o imperioso dever de dar ao publico, contas do seo procedimento, e resignar-se ao seo juízo imparcial e criterioso.²

Cidade da Parahyba³, em uma manhã do mês janeiro de 1877, o médico Abdon Felinto Milanez⁴ foi chamado às pressas para atender ao seu *parente e amigo*, o Tenente-Coronel Francisco Antonio Aranha Chacon,⁵ que sofria com uma febre contínua, apresentando inflações e dores no trato urinário (O DESPERTADOR, 27 jun. 1877, p. 3). Passado um mês do tratamento, o paciente não apresentava melhoras. Então a família

¹ Jornal *A Opinião*, carta do Dr. José Lopes da Silva Junior em 5 de julho de 1877, na coluna: *Publicações Solicitadas*.

² Jornal *O Despertador*, carta do Dr. Abdon Felinto Milanez em 27 de junho de 1877, na coluna: *Publicações Solicitadas*.

³ Ao nos referirmos à Cidade da Parahyba ou Província da Parahyba, optamos por manter a grafia da época.

⁴ Nascido na Parahyba no ano de 1830, Abdon Felinto Milanez concluiu os seus estudos na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1857. Foi deputado provincial, assumiu em 1864-1865, depois 1866-1867, e como suplente na legislatura de 1872-73, em seguida assumiu entre os anos de 1878-79 e 1880-81. Já na República, em 1894, foi eleito senador até 1902, vindo a falecer em 1903 no Rio de Janeiro.

⁵ Foi capitão do Corpo Policial e Recrutador da capital e capitão da 4ª Companhia e 3º Batalhão de Infantaria da Guarda Nacional de Livramento. Em 1864, foi demitido pelo vice-presidente da província Felizardo Toscano de Brito, do posto de Major Comandante do Corpo Policial. Segundo uma nota no jornal *O Publicador*, a demissão teria sido movida pela falta de confiança política do governante tendo em vista as atitudes tomadas por esse oficial “no pleito eleitoral em que se desmoralizaram a opinião pública”, por serem “verdadeiros partidários das ideias vermelhas”, ou seja, do partido conservador (O PUBLICADOR, 27 fev. 1864, p. 3). Em razão dessa e de outras demissões, a oposição, representada pelo *Jornal da Parahyba*, da ala conservadora, teceu sérias críticas ao vice-presidente. Ocupou ainda a vaga de deputado provincial pelo partido conservador na 19ª Legislatura (1872-1873).

resolveu consultar outros médicos da capital, os doutores Antonio da Cruz Cordeiro⁶ e José Lopes da Silva Junior⁷, para discutirem qual seria o melhor tratamento para o enfermo.

É a partir do momento que esses dois médicos são chamados para diagnosticar e tratar o paciente, discordando do tratamento dado anteriormente, que se inicia através dos jornais, *O Despertador*⁸ e *A Opinião*⁹, uma disputa ferrenha de poder e saber médico. Portanto, este artigo tem por objetivo apresentar essas disputas e os embates “científicos” com relação ao diagnóstico e terapêutica aplicada ao enfermo, o Tenente- Coronel Francisco Antonio Aranha Chacon, bem como mostrar como esses profissionais se posicionaram acerca de determinadas características de patologias como o beribéri, intoxicação, entre outras, e os tipos de tratamento que eram empregados à época para cada uma dessas enfermidades na cidade da Parahyba.

A trama dessa teia de relações veio a público quando o Dr. Abdon Felinto Milanez foi convidado para uma reunião ou “conferência”¹⁰ com os outros médicos. Foram duas reuniões, nos dias 9 e 20 de junho de 1877. Na primeira reunião, o Dr. Milanez teria relatado a história do sofrimento do enfermo que estava com uma “febre contínua e de caráter inflamatório, predominando os syntomas de perturbações das funções dos thoraxicos e dos órgãos urinários e hemorroidas” (O DESPERTADOR, 27 jun. 1877, p. 4). Após essa descrição, segundo o médico, os seus colegas, Cruz Cordeiro e Silva Júnior, o reprovaram e se recusaram a aceitar esse diagnóstico e, conseqüentemente, o tratamento. Tal situação o deixou ultrajado e desonrado com a substituição do seu nome no tratamento do enfermo.

⁶ Cruz Cordeiro nasceu na Vila da Independência (atual Guarabira/PB) em 1831, formou-se em Medicina na Faculdade da Bahia em 1856, com a tese sobre “O aneurisma e suas divisões. Acidentes das feridas de arma de fogo”. Atuou como médico do Corpo de Saúde do Exército; foi deputado provincial na década de 1860 e Diretor do Hospital da Misericórdia. Serioja Mariano (2015) chama a atenção ao estudar a trajetória do médico para outra faceta da sua vida: Cruz Cordeiro era, também, um homem das letras, escrevia nos jornais, publicou uma peça teatral sobre Os Voluntários da Pátria (numa referência à Guerra do Paraguai), autor de livros, entre outras publicações.

⁷ Natural da cidade de Salvador (BA), concluiu seus estudos na Faculdade de Medicina da Bahia, mas atuou como médico militar na cidade da Parahyba. Para maiores informações, ver Nayana R. C. Mariano (2015, p. 91-95), em sua tese *Educação pela Higiene*, a autora apresenta um quadro com a relação dos médicos que atuaram na província da Parahyba a partir da segunda metade dos Oitocentos.

⁸ Criado em 1858 e redigido por Antônio de Souza Carvalho, era um jornal representante do partido liberal, intitulava-se como sendo “político, literário e noticiador”, era publicado na Typografia de José J. Lopes Júnior na Rua Nova, nº 7. Na década de 1870, aparece como diretor José J. Lopes Júnior e mais “redactores diversos”.

⁹ “Órgão do Partido Liberal e dirigido pelo Diretório”, o jornal foi criado em 1877 e funcionou até 1878. Era impresso na tipografia dos herdeiros de J. R. da Costa, na Rua Marquez de Herval, nº 32 e publicado duas vezes por semana.

¹⁰ Conferência, no sentido de conferir, comparar, confrontar, é o nome dado pelos médicos à reunião para discutir a situação da doença e do melhor tratamento para o paciente.

O médico foi ao jornal *O Despertador* justificar porque não tratava mais o paciente e dizer que não o abandonou (como fora acusado), tendo em vista que o mesmo era seu *parente e amigo*, mas havia transferido os cuidados para outros colegas, “que divergiram do seu diagnóstico”. Após consultá-lo pela primeira vez e passados onze dias de sofrimento, o Dr. Milanez acreditava que o seu primo sofria de beribéri de “forma mista”, mas ainda assim reafirmava que mantinha o seu primeiro diagnóstico, também, de “estreitamento da uretra”, situação que causava incômodos no paciente.

O diagnóstico do beribéri foi dado na segunda “conferência”, no dia 20, tendo em vista a persistência da febre e agravamento do quadro do paciente. Também foi aventada a possibilidade de que o Sr. Chacon estivesse com uma “intoxicação saturnina”, pois o mesmo havia morado em uma casa “que se estava sendo pintada”, defende o médico (*O DESPERTADOR*, 27 jun. 1877). Mas esse relato não convenceu os outros médicos, Cruz Cordeiro e Silva Júnior, que diagnosticaram que o paciente sofria com “lesão dos órgãos genito-urinários e hemorroidas” e reprovaram o tratamento prescrito anteriormente.

Nayana Mariano aponta que na província da Parahyba, assim como em outras localidades do Brasil, havia uma preocupação com o estado sanitário e uma das maneiras de prevenir a proliferação de doenças, “através dos ares corrompidos”, os miasmas, seria melhorar as questões relacionadas à salubridade pública, como, por exemplo, a limpeza das ruas e das residências. Portanto, no Brasil do século XIX, “o saber médico foi em busca das causas das doenças e essa procura não foi feita no corpo do enfermo, mas em tudo que o cercava”. Sendo assim, os perigos urbanos, como as habitações sujas, também ameaçariam a dita ordem social (MARIANO, 2015, p. 80-81).

Por conseguinte, a peleja para identificar a patologia se mantinha nos embates dos periódicos. Como não se chegava a um consenso, o Dr. Abdon Milanez deixou o caso, pois acreditava que “para salvar o doente, o médico deve se sacrificar, mesmo havendo necessidade, de sua honra e reputação” (*O DESPERTADOR*, 27 jun. 1877). A leitura do caso nos impressos levanta algumas hipóteses, como a preocupação do médico com a “opinião pública”, temendo o julgamento por ter “abandonado” o caso do seu “parente e amigo”, o Tenente-Coronel Chacon.

O Dr. Silva Júnior teria vindo a público relatar o ocorrido, tendo em vista, segundo ele mesmo, que o seu nome e o do médico Dr. Luiz José Correia de Sá¹¹ foram

¹¹ Natural de Souza, interior da província da Parahyba, estudou medicina na Faculdade da Bahia, ocupava também o posto de Tenente-Coronel e Comandante do 24º Batalhão da Guarda Nacional, da cidade de Souza (*O PUBLICADOR*, 1 mar. 1866, p. 4).

envolvidos pelo Dr. Abdon Milanez no considerado “mau tratamento” ou “diagnóstico errado”. Esse assunto, nas palavras do Dr. Silva Júnior, não deveria vir a público, pois

Alem disto *o publico pouco versado na sciencia* olha para estas discussões como para um fogo de artifício, que apaga-se com a illusão! O que com certeza não se lhe apaga da memória é a impressão desagradável que lhe fica de ter aprendido *a conhecer os defeitos e faltas dos médicos*. (A OPINIÃO, 5 jul. 1877, *grifos nossos*).

Silva Júnior alerta para o fato de que esse tipo de exposição pública desqualificava a atuação dos outros médicos, pois as pessoas deixariam de confiar na medicina para “se entregar *aos curandeiros, aos charlatães*”, o que acarretaria em “prejuízo próprio em detrimento *da verdadeira profissão médica*. E como essa *diminuição de confiança* reflecte d’arte sobre aquelles, que a exercem, o publico não tarda a também ir-se d’ella por sua vez também” (A OPINIÃO, 5 jul. 1877, *grifos nossos*).

Na fala do médico, observamos claramente uma disputa entre as artes de curar no Brasil que se estendeu ao longo do século XIX. Os práticos (parteiras, benzedeiros, curandeiros, barbeiros, boticários, feiticheiros, entre outros), em alguns discursos, eram considerados charlatães, no sentido depreciativo de desqualificar essas artes de curar, que, geralmente, eram muito populares e, em vários casos, praticadas por leigos, “muitos dos quais oriundos da escravidão” (VIANA, 2013, p. 1). O saber médico, por sua vez, se apoiava em uma formação científica, acadêmica (FIGUEIREDO, 2002, p. 51). Por essa razão, não era interessante expor as fragilidades que havia no seio dessa elite médica.

Na medida em que os anos da segunda metade do século XIX avançam, os médicos formados aprofundam suas ações no sentido de diferenciarem-se de seus congêneres. Os métodos usados nessa separação entre quem deveria ter o poder de curar e quem não deveria, possivelmente foram múltiplos. As melhorias das técnicas médicas foram de grande importância nesse sentido, mas atitudes bem mais estratégicas também fizeram sua parte na sutil batalha contra o “charlatanismo”. (MARIANO; SILVA, 2016, p. 12).

Segundo o Dr. Silva Júnior, o seu colega teve uma má conduta no tratamento do paciente, utilizando-se da medicina de uma maneira “vulgar e leviana”, portanto, não foi um “homem da ciência” e, diante de tal situação, se viu “obrigado” a se defender e retratar-se em público, pelo bem maior que era a medicina. Para Silva Júnior, porém, não é só uma retratação. A coisa é mais séria, pois ele acredita que o colega deu “pouca importância” à sua profissão.

É entretanto uma violação dos princípios moraes e dos preceitos medicos, que nos impoem a obrigação de respeitar a opinião dos nossos collegas, ou toleral-as, mas nunca desvirtual-as com intenção; pois deve saber, que aquelles mesmos, que o ouvem assim discorrer levanamente sobre assumptos tão graves, são os proprios que lhe fazem a applicação das faltas que deslealmente procura lançar sobre os outros. (A OPINIÃO, 5 jul. 1877).

Ou seja, a profissão médica deveria pautar, acima de tudo, pelo respeito à opinião do colega, pela ética da medicina, tendo em vista que esses profissionais haviam se formado em Faculdades de Medicina. Os médicos não deveriam se expor em público para não demonstrar nenhuma fragilidade ou mesmo riscos de diagnósticos e tratamentos equivocados, o que causaria uma insegurança na população. Esse argumento se justificava pelo contexto social da época, em que a medicina científica buscava consolidar-se como única promotora da cura. Era costumeiro, principalmente entre as classes populares, buscar auxílio entre os práticos, pois havia uma relação íntima entre esses e os métodos de cura baseados em uma herança histórico-cultural.

O médico Silva Júnior compara a medicina a um sacerdócio e lembra o caso do Dr. Inocêncio Poggi¹², que, mesmo sem formação, abraçou a causa da medicina com competência e sabedoria. “Isso não obstava que todos os medicos assim como os doentes o respeitassem, ouvissem seos conselhos por ser um bom pratico e excellente homem”. Sendo assim, considera a medicina como uma “arte sublime e divina” (A OPINIÃO, 5 jul. 1877).

Ao comparar a medicina com uma “arte sublime e divina”, o Dr. José Lopes da Silva Júnior acredita que essa exposição na imprensa – o Dr. Abdon Milanez publicando no jornal *O Despertador*, e ele n^o *A Opinião* – ao invés de se transformar numa discussão científica, estava mais parecendo relatos do corpo de delito da polícia.

Tenha paciencia o Sr. Dr, Abdon, se assim me expriimo, porque não sei o que S. S. quis dizer ao respeitavel publico em seu favor, e nem a intenção que teve a respeito dos actuaes médicos assistentes do Sr. Tenente Coronel Aranha Chacon. Pretendo analysar detidamente o assumpto, apreciar os seus argumentos, e aprofundar as questões, em que S. S. toca superficialmente, para que fique comprehendendo que na sciencia não é fácil confundir as cousas e desviar a opinião do caminho da verdade. (O DESPERTADOR, 20 jun. 1877; A OPINIÃO, 5 jul. 1877).

¹² Nascido em Pernambuco, João José Inocêncio Poggi não tinha formação acadêmica, mas atuava junto à população da Parahyba como um respeitado médico licenciado, inclusive à frente da Inspeção de Saúde Pública. Esses profissionais recebiam um certificado, uma autorização do governo atestando a sua habilidade na área. Para maiores esclarecimentos, ver a tese de Mariano (2015a, p. 88).

Ou seja, uma exposição assim, nua e crua perante a “opinião pública”, fora considerada desnecessária. Mas já que o assunto havia sido explicitado nos periódicos, aquele era o momento de expor os “erros médicos” e os procedimentos “inadequados” do colega Abdon Milanez. Essas disputas e exposição pública nos jornais, com relação aos equívocos no diagnóstico e tratamento do paciente, eram mais comuns do que se pensava. Em *Nas Trincheiras da Cura*, Gabriela Reis Sampaio apresenta a interessante história de uma disputa médica, no Rio de Janeiro, em 1888, com o caso conhecido como o “Dr. Fura-Uretra” (2001).

Na província da Parahyba, a peleja continuava e após a convocatória da família para uma “conferência” entre os médicos, o Dr. Abdon Milanez teria comparecido uma vez. Porém, apenas na segunda reunião, houve o debate sobre os prováveis sintomas e possibilidades de que o enfermo estaria acometido por outras doenças, diferentes do diagnóstico dado por Dr. Milanez, ou seja, o do beribéri.

Na segunda chamada, o Dr. Milanez não compareceu, e os outros dois médicos examinaram “minuciosamente” e ouviram atentamente o relato do irmão do paciente, Tenente-Coronel Antonio Rufino Aranha:



Historiando S. S. os padecimentos, que tinham levado ao leito o seu doente desde o principio de Janeiro do corrente anno até aquella data disse-nos que a molestia do Sr. Aranha tinha-se manifestado a principio por uma *febre continua* de character inflamatorio, predominando os symptomas de perturbações das funcções dos orgãos thoraxicos, e que depois das primeiras prescripções fora se desenvolvendo o character intermittente, tornando-se a fina: uma simples febre á que o povo chama sessões cujo typo era bem descreminado em todos os estados. Pelo que empregara o *tratamento ante periodico de sulfato de quinino*, até aquella data da conferencia, succedendo reaparecer por causas diversas a febre e por muitas veses, e em epochas differentes, guardando sempre o mesmo typo. (A OPINIÃO, 7 jul. 1877, *grifos nossos*).

O tratamento com o sulfato de quinino ou quinina era aplicado àqueles enfermos que apresentassem febres em temperaturas elevadas e contínuas. Tal medicamento é produzido a partir de uma planta chamada quina, do gênero Cinchona, que está presente em regiões tropicais da América do Sul. O chá com as cascas da quina tem funções antitérmicas, analgésicas e antimaláricas. O sulfato de quinina é um pó branco de gosto amargo que era consumido com água e que ajudava no combate às febres e dores diversas.

O Dr. Silva Júnior, ao final da carta, diz que “por generosidade” vai respeitar o colega, e não vai expor as “incoerências” do Dr. Abdon Milanez ao diagnosticar o paciente com “febre intermitente ou sessões”. Como o tratamento com o sulfato de quinino não

fazia efeito, o Dr. Silva Júnior acreditava que pelo “estado de abatimento que causa a prolongação das febres; mas que pela sua persistência, apesar de combatidos me levarão a suspeitar hoje que o doente estava também soffrendo de *beribéri*”.¹³ Ora concordando, ora discordando do colega, percebemos as fragilidades no entendimento da etiologia.

O médico continua tecendo sérias críticas ao Dr. Milanez por não ter relatado, aos outros médicos que assumiram o tratamento do paciente, o estado patológico com relação às lesões no “aparelho genital urinário”. Em sua defesa, o Dr. Milanez alegou que o seu parente “sempre sofreu desses órgãos” e, que, portanto, essa não era a causa da enfermidade. Para o Dr. Silva Júnior, a febre poderia ser também característica de problemas na próstata ou uretra. Chamou a atenção para o equívoco de um diagnóstico de “febre intermitente”, pois essa vinha acompanhada de “engorgitamentos da região esplênica e gastro-hepática, bem como as pallidas côres, devidas a desfebrinação dos globulos sanguineos, e às veses inchação por causa do embaraço da circulação, o que nada disto se verifica no doente” (A OPINIÃO, 7 jul. 1877). O Dr. Cruz Cordeiro se posicionou a favor, concordando com as palavras do médico Silva Júnior, e, portanto, divergindo do colega Abdon Milanez.

Ainda na “conferência”, os médicos discutiram sobre a febre periódica e questionaram o porquê de, mesmo após cinco meses cuidando do enfermo, desde janeiro de 1877, o Dr. Milanez teria ficado alheio a “tão graves sintomas”.

Era symptomatica de taes padecimentos, visto como eram acompanhadas de uma grande super-excitação nervosa e de um estado hemorrhoïdal afflictivo, pois o doente passava ordinariamente soffrendo de constipação de ventre e privações, que augmentavam os padecimentos da próstata, da bexiga e dos órgãos abdominaes. (A OPINIÃO, 7 jul. 1877).

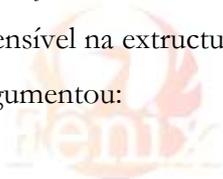
O Dr. Silva Júnior questiona, ainda, o fato de por que esses sintomas não foram levados em conta, e assevera que não os relatar foi um “descuido”, principalmente nesse caso em que o paciente era seu *amigo e parente* (A OPINIÃO, 7 jul. 1877, *grifos do médico*). Percebemos nos discursos, de ambos os lados, que “ficava explícito para quem acompanhasse os debates nos periódicos que não havia consenso entre aqueles médicos sobre os diversos procedimentos utilizados” (SAMPAIO, 2001, p. 33). Essas disputas

¹³ Doença decorrente da deficiência de tiamina (vitamina B1). Quando a vitamina B1 não é consumida regularmente na alimentação, podem ocorrer sintomas mais simples como: insônia, diarreia, nervosismo, irritação, fadiga, perda do apetite. Nos casos mais graves, podem ocorrer “dormência, formigamento e inchaço nas pernas e braços, dificuldade respiratória, problemas do coração, insuficiência cardíaca e até a morte”. Disponível em: <http://www.blog.saude.gov.br/>. Acesso em: 8 mai. 2019.

dentro da classe médica apontam que não havia uma coesão na medicina oficial, mostrando ainda certa confusão com relação ao conhecimento de determinadas doenças, o que dificultava o diagnóstico e a maneira como deveriam tratá-las.

Com as discordâncias entre os médicos, o irmão do paciente, Tenente-Coronel Antonio Rufino Aranha, foi chamado para a “conferência” e confirmou, segundo o Dr. Silva Júnior, que ele já havia chamado a atenção do Dr. Abdon Milanez para o fato de que não via sinais de melhoras. Mas o Dr. Abdon teria dito que não se preocupasse, pois esse quadro era decorrente de uma “constipação do ventre e falta de defecação”. Um erro de diagnóstico gravíssimo, segundo Silva Júnior, para quem era considerado um médico experiente que já atuava no Corpo de Saúde do Exército há vinte anos.

No dia 12 de julho de 1877, Dr. Silva Júnior publicou no jornal *A Opinião* um diagnóstico assinado pelo Dr. Cruz Cordeiro. Na busca de legitimar a sua fala, chamou a atenção do público leitor e mostrou que a febre era sempre precedida de “irritação nervosa, manifestada por um frio convulsivo, que durava duas a mais horas, o que não podia ser confundido com o frio da febre intermitente ou sessão”, o que já denunciava uma “afecção do sistema nervoso”, mesmo que os médicos não tenham observado alguma lesão “sensível na extractura ao longo da medulla espinhal”. Nas suas conclusões, o Dr. Cordeiro argumentou:



www.revistafenix.pro.br

Se essas lesões do aparelho genito-urinário acompanhadas de congestões hemorróidas, (como provava o fluxo sanguíneo que o doente tivera de vespera) de constipação de ventre, anorexia, perturbações digestivas e estado nervrosthénico do doente, não explicam o typo da febre periódica durante cinco meses, então deveria procurar a causa em uma entoxicação qualquer, lembrando até que o doente morara em uma casa pintada a óleo, quando se desenvolveu o mal; mas que em todo caso perante males tão reaes e de symptommas tão graves, admirava que o Sr. Dr. assistente persistisse em tratar o seu doente com o sulfato de quinino, suppondo ser uma simples febre intermitente, isto é sessões! (A OPINIÃO, 12 jul. 1877, p. 2).

Em resposta ao diagnóstico do Dr. Cruz Cordeiro, de que o paciente poderia ter sido envenenado, uma intoxicação em decorrência da pintura da casa, o Dr. Abdon Milanez contesta essa informação, alegando que quando o Tenente-Coronel Aranhão Chacon foi morar nessa residência, ele já estava doente¹⁴, e, de maneira categórica, nega

¹⁴ Em 1868 há uma autorização do presidente da província para que o Capitão de artilharia da Guarda Nacional, Francisco Antonio Aranha Chacon, fosse pra o serviço reserva, após a constatação da inspeção de saúde de que o mesmo estava doente (O PUBLICADOR, 10 jul. 1868, p. 1). Infelizmente, o documento não informa qual era a doença. Em seguida, em 04 de agosto do mesmo ano, o Capitão foi nomeado Major Comandante do Corpo Policial.

“que essa intoxicação seja saturnina, isto é, produzida pela acção toxica da tinta.” Em sua defesa, das acusações proferidas no jornal *A Opinião*, Abdon Milanez diz que quando o paciente saiu dos seus cuidados e passou a ser tratado por outro médico, o Dr. Cruz Cordeiro, a quem ele se refere ironicamente como o “sábio e literato”, o quadro só piorou (O DESPERTADOR, 25 jul. 1877, p. 4).

(...) tratando dos signaes característicos e fenómeno de intoxicação saturnina, diz a que ella apresenta os seguintes syntomas – dor mais ou menos viva no umbigo, epigástrio, ou hypogastrio. Esta dor pode ocupar muitas regiões ao mesmo tempo e irradiar-se aos lombos e as partes genitales. Ella é umas vezes obtusa, contusiva e muitas vezes aguda e dilacerante. Ella é continua, mas sujeita a exacerbações irregulares, durante as quaes os doentes sofrem grande ansiedade: os olhos ficam encovados, a face enruga-se; eles gritão, rolão-se no leito e tomão posições as mais estranhas para procurar um alívio (...). Sobre um número dado de doentes, um quarto se queixa de agitações, dores contusivas nos cordões testiculares, três quartos accusam um sentimento de entorpecimento (...). (O DESPERTADOR, 25 jul. 1877, p. 4).

Milanez segue apontando mais informações, acerca dos sintomas da intoxicação, para demonstrar que o paciente não havia sido afetado pela pintura da casa, ou seja, pois, para ele, o diagnóstico de beribéri era o mais correto.

O médico José Lopes da Silva Júnior não teria discordado do diagnóstico de Cruz Cordeiro e alertou para o fato de o Dr. Abdon Milanez “ignorar a irritação intestinal do paciente” e não ter sido mencionado o caso da “gravíssima” hemorroida do paciente, a qual pode acarretar “grandes alterações no organismo”. Entretanto,

S. S. trata em sua esteril e infeliz publicação da - hemorrhoide, como de uma cousa insignificante, por ignorancia talvez de suas desastrosas consequencias em taes casos. Se S. S. estudasse convenientemente as alternativas da molestia complicada do Sr. Tenente Coronel Aranha, Chacon, como acabamos de expor, e se não teimasse a consideral-a ligeiramente, como nos confessou, empregando há 5 mezez *uma medicação impropria*, por certo havia de reconhecer que a inflamação da prostata dava logar a dysaria, reflectindo sobre a uretha e a bexiga, assim como sobre a congestão dos vasos varicosos hemorrhoidaes e sobre os órgãos abdominaes, dando logar a constipação, a anorexia ao desarranjo funcional do estomago, da secreção biliar e sobre tudo do systema nervoso! E na realidade é digno de notar-se, e mesmo de lamentar-se que durante cinco meses até aquella data a applicação do sulfato de quinino fosse a base exclusiva do tratamento empregado pelo Sr. Dr. Abdon, sem attenção aos effeitos nocivos sobre os padecimentos do seo parente e amigo! (A OPINIÃO 12 jul. 1877).

Para o Dr. Silva Júnior é latente o erro no diagnóstico e tratamento empregado em relação à “febre intermitente” e que ele nem aventou a possibilidade de o doente estar

com beribéri. A partir desse diagnóstico, os médicos que assumiram o caso mudaram o tratamento:

Por essa ocasião mandamos até aplicar ao doente sanguessugas na região perinela etc. e dar-lhe internamente cosimento diluentes, antiphlogísticos, assim como um ligeiro purgativo, cessando todas as prescrições anteriores e fazendo-o mudar para uma casa de campo. (A OPINIÃO, 9 jul. 1877, p. 2).

O tratamento com sanguessugas através das sangrias foi realizado no Brasil ao longo do século XIX. Como método terapêutico, a utilização das sanguessugas estava associada a duas motivações: as sangrias eram feitas para tirar do corpo o elemento causador do mal, muitas vezes associado a causas espirituais; quanto à medicina acadêmica, os tratamentos consistiam na prática de purificação dos humores, ou seja, as sangrias eram realizadas com o objetivo de livrar o organismo dos humores em excesso que atrapalhavam o perfeito funcionamento do corpo. Se considerarmos a atualização do *Formulário e Guia Prático de Saúde* de Pedro Luiz Napoleão Chernoviz (1904 [1841]), uma das publicações populares sobre medicina no Brasil do século XIX, na sua 17ª edição, verificamos que há descrição detalhada de como proceder a uma boa sangria utilizando-se de sanguessugas.

No dia seguinte, começou-se a administrar o tratamento “no intuito de modificar a exaltação nervosa e tratar do adormecimento das pernas”. O paciente se estabeleceu no bairro de Tambiá, na capital da província, para fazer os devidos tratamentos. No início, segundo o médico, a terapêutica se mostrou eficaz e o enfermo teve uma melhora, não apresentando o quadro de febre. Nesse ínterim, o Dr. Abdon Milanez teria divulgado que o melhor remédio para o paciente era “uma viagem por mar”, ou seja, ir para um lugar de clima mais frio para curar o “beribéri misto”. No século XIX, encontramos recomendações de médicos, da Faculdade de Medicina da Bahia, de “viagens para países mais frios” como tratamento mais “adequado” aos portadores do beribéri (LEONZO, 2012, p. 87).

Esse diálogo entre os aspectos climáticos e causalidade das doenças esteve presente no debate médico ao longo do século XIX, principalmente na primeira metade dos anos oitocentos, e estava diretamente associado à teoria dos miasmas. Os miasmas seriam o produto de uma decomposição da matéria animal ou vegetal que assumiria a forma de exalações aeriformes. As circunstâncias consideradas essenciais para a produção dos miasmas seriam: calor, umidade e decomposição vegetal. Como afirma (EDLER, 2011), é relevante notar que a noção de miasma se aproximava, para alguns autores, de uma concepção ontológica da doença, pois esse agente atuaria no corpo como veneno ou produtor de fermentações morbíficas. Uma patogenia geralmente aceita supunha que eles

entrariam na circulação por meio da absorção e que a via principal seria a respiratória. Outras vias de entrada seriam a pele ou a membrana mucosa do estômago.

A associação entre clima e doença, em correlação com a teoria miasmática, fez todo o sentido para os médicos do século XIX; por isso, muitos receitavam cuidados específicos para prevenir ou tratar uma dada enfermidade de acordo com o clima de determinada região. De acordo com o Dr. Abdon Milanez, o paciente deveria procurar um lugar de clima mais frio para curar o beribéri, tendo em vista que segundo teorias existentes até aquele momento, o clima frio auxiliaria no combate à enfermidade.

Segundo a opinião dos médicos Dr. Silva Júnior, Cruz Cordeiro e Luis José, esse novo diagnóstico do beribéri era, na verdade, uma tentativa desesperada de Abdon Milanez de melhorar a sua imagem perante os seus pacientes e o público, já que ele fora desacreditado. A partir daí, o Dr. Abdon Milanez convocou uma nova junta médica para deliberar sobre a situação do paciente. Por alguns dias, o paciente teve uma breve melhora, no entanto, pouco tempo depois, apresentou um quadro de febre e com os demais sintomas já mencionados.

Em sua defesa, o médico Silva Júnior argumenta que como era natural da Bahia e havia cursado a Faculdade de Medicina¹⁵ da mesma província tinha experiência para tratar do assunto, tendo em vista que na Bahia havia muitos casos de beribéri.

Eu que acompanhei a clynica e as sabias lições do muito distincto e illustrado medico da Caridade o Sr. Dr. Silva Lima, auctor de uma excellente obra, sobre essa molestia, publicada em 1872, colhendo applausos na Faculdade de Medicina de Paris e citado por todos os pathologistas, que se tem dedicado actualmente ao estudo do beriberi; - eu que já acompanhei a marcha dessa molestia em parentes e amigos d'ella affectados; que assisti as grandes conferencias dos mestres da sciencia e lentes da Academia, como os Farias, Claudemiros, Saraivas, Caldas, Coutos, Domingos Carlos &; e que estudei os autores por elles citados, - eu que no mez passado acabei de tratar de uma distincta Senhora soffrendo de paralyisia e dormencia, que o Sr. Dr. Abdon desenganara aconselhando-lhe viagem incontiente para o Rio de Janeiro, por estar soffrendo de beriberi, a qual hoje, graças ao meo tratamento applicado a sua verdadeira molestia, acha-se completamente restabelecida; - eu, finalmente, que ouço suas erroneas theorias tinha rasão de rir-me dos disparates de um medico empirico, que confessa n'unca ter saído desta Província, onde apesar de sua clynica no Brejo d'Areia e nesta Capital durante vinte annos, foi obrigado a entrar para o

¹⁵ Em 1832, foram criadas as primeiras faculdades de medicina do Brasil, em substituição à antiga Academia Médico-Cirúrgica. Com a criação dessas instituições, o Estado Imperial reconheceu formalmente a importância da institucionalização do saber médico. As faculdades da Bahia e do Rio de Janeiro funcionaram como polos de propagação do saber médico e do desenvolvimento de teorias. Seus principais estudos pautavam-se na análise das doenças tropicais que assolavam o território brasileiro no período oitocentista.

Exercito, andando ainda hoje com o trivial formulario de Chernoviz debaixo do braço a mostrar os symptomas do beriberi, não só em casa do doente, como aos particulares! (A OPINIÃO, 8 jul. 1877, p. 2-3).

O Dr. Silva Júnior, em tom agressivo, atacou o médico Abdon Milanez acusando-o de proferir diagnósticos errados e se utilizar de métodos de cura sem êxito. Utilizando-se da sua experiência no tratamento do beribéri, uma vez que a Faculdade de Medicina da Bahia foi um polo de estudos dessa doença especificamente, Silva Júnior colocou-se em oposição a Milanez.

Esse embate mostra que apesar das faculdades de medicina estarem em diálogo, das publicações sobre teorias médicas circularem, houve intensas disputas entre médicos a respeito das práticas de cura que cada um defendia e aplicava para tratar determinada doença. O médico ainda diz que recebeu o jornal *O Despertador* com uma matéria de Abdon Milanez com “impropérios” contra ele e o Dr. Cruz Cordeiro, mas reitera que seu médico assistente havia errado no diagnóstico e tratamento. Considera que esses artigos publicados no jornal *O Despertador* são “intriguias”,



que o Sr. Dr. Abdon me procurou fazer para com elle, aprecio as razões scientificas, em que eu e os meus illustres collegas nos fundamos contra o diagnostico e tratamento do Sr. Tenente Coronel Aranha Chacon. *Quanto ao erro do primeiro diagnostico de febre intermitente não insistirei, porque alem de tê-lo demonstrado nas conferencias, o próprio Sr. Dr. Abdon o confessou, abraçando a Ideia de beriberi. É sobre este ultimo ponto que insistirei á fim de provar ao meu collega que o nosso doente não soffre de tal moléstia. O Sr. Dr. Abdon tem tido a imprudência de andar diagnosticando beriberi à cada canto, sem o menor exame e criterio, pelo que já vae até succedendo, que alguns dos seus proprios amigos, ao mais ligeiro incommodo, desconfiam que estão soffrendo de beriberi - á força do seu disser, que já vai passando como por uma espécie de monomania!* (A OPINIÃO, 8 jul. 1877, *grifos nossos*).

Seguindo os seus argumentos, o Dr. Silva Júnior acusa o seu colega, Abdon Milanez, de diagnosticar beribéri em qualquer pessoa, sem critérios científicos, sem um exame minucioso no Manual de Diagnóstico e Semiologia de Piorry (1828). Alguns questionamentos vieram à tona:

Se o Sr. Dr. Abdon ainda não tinha combatido esses males, porque motivo não estudou-lhes as verdadeiras causas, e procurou illudir o seu espirito com o diagnostico de uma outra molestia, que, sendo toda constitucional, reina endemica ou epidemicamente, caracterizada por symptomas tão differentes?

Porque razão não abraçou antes a idéa de entoxicação aventada pelo illustrado collega Dr. Cordeiro em vista da persistencia d'essa febre intermittente nervosa e fatal durante periodos mais ou menos certos e determinados?

Em que livro, em que auctor o Sr. Dr. Abdon lêo a descripção do beriberi com a febre periodica pertinaz e com os symptomas nervrosthénicos tão pronunciados, a ponto de vacilar-se em vista dos accessos, sem saber-se qual a lesão e os symptomas predominantes, si os do aparelho genito-urinario, si do systema nervoso, si da febre, si do frio, que se repetem uns após outros por muitas horas com tenacidade de convulsões e accidentes, que tanto prostram o doente, com fazem admirar a todos? Em que tratado de pathologia lêo que as lesões do aparelho genito-urinario são causas ou efeitos do beriberi?

Qual o caso de beriberi observado pelos homens da sciencia, que justifique esses accessos de febre e de tremores convulsivos, denunciando, não só a irritação de todo o systema nervoso, como ainda a replecção dos vasos, e a plethora, como se dá no nosso doente?

Qual o autor já disse, que o beriberi conserva essa constituição mixta sthenico-nervosa, com essa riqueza de hematose, com essa côr natural da face, com essa plenitude de força dos órgãos e membros superiores, com essa energia de vontade, com essas manifestações de paixões, com essas congestões hemorrhoidaes predominando sobre tudo isso a grande irritabilidade do corpo e a sensibilidade exagerada d'alma, como se dá em nosso doente? (A OPINIÃO, 8 jul. 1877, p. 3).

Para reforçar e dar um tom mais “científico” ao seu discurso, o Dr. Silva Júnior traz para o texto autores, dicionários e tratados médicos a exemplo de A. Le Roy de Méricourt no “Diccionario incyclopedico das sciencia medicas” - considerado como “a autoridade que deu a última palavra sobre a beribéri no estado atual da sciencia” -, para mostrar que o paciente não estava com “beribéri misto”. Em tom de ironia, sugere que o Dr. Abdon Milanez deveria ler mais, principalmente os tratados de patologia moderna.¹⁶

Após essa exposição acurada, o médico Silva Júnior foi enfático ao afirmar que o paciente não estava sofrendo de beribéri e que a febre

periodica é symptomatica das lesões organicas do aparelho genito-urinario e de uma affecção do systema nervoso, occasionada talvez por uma entoxicação previa do sangue; que essa fraquesa e dormencia das pernas com atrophia muscular se ha desenvolvido sob a influencia de uma grande irritação d'esse órgãos e de accidents hemorrhoidaes, como nos demonstram as lições de clynica medica dos mestres, em vista das observações feitas por Hutton, Graves, Grisolle, Trousseau Woillez etc. (A OPINIÃO, 15 jul. 1877, p. 3).

Mais uma vez, o médico busca respaldo na literatura para desqualificar o diagnóstico de beribéri mista¹⁷ dado pelo seu colega Abdon Felinto Milanez, a quem chama

¹⁶ “Os estudos de Bontius, de Lend, de Ridley de Swediaur, de Rogers, de Mason Gaood, de Carter, de Meijer, de Fonssagrives e de muitos outros medicos que viajaram varios paizes como Java, Muntok, Ilha de Banka, Japão, Nova Guiné, Cba, Antilhas etc.” (A OPINIÃO, 14 jul. 1877, p. 3).

¹⁷ O médico Silva Júnior descreve os sintomas da doença “beribéri mista” como sendo: “O beriberi é uma molestia constitucional e apyretica, que reina endemica ou epidemicamente. Principia por incommodos mal definidos, fraquesa geral e inaptidão para qualquer exercicio”. Os sintomas como “Dormencia, ou torpor de sensibilidade cutanea nos membros, formigamento nos dedos, constricção em roda do tronco

de “médico ignorante” que receitou, por cinco meses, o tratamento com sulfato de quinino, o que teria agravado ainda mais o estado de saúde do Sr. Tenente-Coronel Aranha. Ao final da carta, lembra a frase do médico Christoph Wilhelm Hufeland (1762-1836): “O papel do médico não se limita somente a curar. É para elle tambem um dever e um grande merito prolongar-lhe a vida e a tornar supportavel nas molestias incuráveis”. Tece uma série de críticas dizendo que o Dr. Abdon Milanez só conhece o *Dicionário de Medicina Popular* de Pedro Luiz Napoleão Chernoviz (1878), que deveria ler e conhecer mais acerca das patologias.

Como estratégia de legitimação de um saber, era importante, no processo de institucionalização da medicina, e na circulação de saberes, trazer autores e mostrar o domínio do conhecimento “científico”. Era relevante defender o seu “território” legitimando ou desqualificando a atuação dos colegas médicos com referências consideradas científicas ou não. Não se pode esquecer que o século XIX, como chama a atenção Betânia Gonçalves Figueiredo, “é um marco na história da medicina por consolidar uma nova concepção de doença, de doente e de intervenção no corpo do doente” (FIGUEREDO, 2002, p. 40).

Em resposta, o Dr. Milanez escreveu uma carta para o jornal *O Despertador*, em *Publicações Solicitadas*, para mostrar que o seu colega, Cruz Cordeiro, teria cometido uma série de “disparates e absurdos” em se tratando de apontar três diagnósticos apresentados durante o momento em que assumiu o tratamento do paciente. São eles:

- 1º Lesão da próstata e de todo o aparelho genital urinário em vistas do sofrimento do doente, e seus comemorativos;
- 2º Febre nervosa, causada por uma afecção no systema nervoso, porque era sempre precedida e as vezes acompanhada de irritação nervosa;
- 3º Uma intoxicação qualquer, visto que o doente morava em uma casa pintada a óleo. (O DESPERTADOR, 25 jul. 1877, p. 4).

Após a explanação, Abdon Milanez aponta as incongruências nesse diagnóstico e, em tom de ironia, diz que ainda mais vindo de um profissional “cuja reputação já se acha firmada na ilustração e tino médico”, porém, em sua opinião, estava mais para um *ignorante e inapto*. Na mesma carta, Abdon Milanez passar a atacar ferozmente os textos escritos pelo

simulando uma cinta, convulsões parciais, movimentos choreiformes, anemia, edema e paralysis estendendo-se a todo o corpo simultaneamente, de sorte que alguns doentes parecem duplicar de volume; o edema é duro como elastico, a voz é rouca e fraca, a pelle edemaciada toma a côr azulada, marmorea e baça, sobrevem-lhe a tristeza e o desanimo, dyspepsia, o tacto embolado desde o principio” (A OPINIÃO 17 jul. 1877).

Dr. Cruz Cordeiro,¹⁸ chamando de “um verdadeiro plagiário sem escrúpulos”. Diz que de 100 palavras que escreve, 90 são copiadas e as outras dez “de sua lavra, ninguém lê”. Ao final do artigo, apresenta trechos de um livro de Cruz Cordeiro, *Estudo Biográfico: O Vigário Joaquim Antônio Marques* (1866), para provar que é cópia do texto *Memória de Literatura de Lopes de Mendonça* (1855) (O DESPERTADOR, 27 jul. 1877, p. 4, *grifos do original*).

Em outra carta, a última que encontramos na documentação consultada, o Dr. Abdon Milanez relata que entregou o paciente aos cuidados dos doutores Cruz Cordeiro e Silva Júnior reafirmando o seu diagnóstico que, de fato, o enfermo sofria de beribéri, por isso o tratamento que ministrou foi o correto, a ponto de os médicos continuarem com os mesmos medicamentos, acrescentando mais alguns (O DESPERTADOR, 27 jul. 1877, p. 4).

Os diagnósticos médicos, mesmo que opostos, trazem significados de relevância para a compreensão do contexto social da época. É fato que Abdon Milanez e Silva Júnior tinham posicionamentos contrários, bem como que essas disputas nos revelam uma tensão entre a própria elite médica a respeito dos estudos e métodos de cura que deveriam ser aplicados às doenças. Sendo assim, podemos associar essas disputas às próprias dúvidas inerentes à prática médica no Brasil oitocentista.

Considerando que nesse período o saber científico buscava se institucionalizar e se constituir como medicina oficial, os estudos acerca das enfermidades que assolavam o Brasil ainda eram incipientes. As denominadas doenças tropicais eram as mais estudadas nas faculdades de medicina, inclusive como foi o caso do beribéri na Faculdade de Medicina da Bahia. Mas para além das opiniões sobre a doença do paciente em si, essa história mostra algo ainda mais significativo: as disputas entre o médico Abdon Milanez, formado no Rio de Janeiro, e o médico Silva Júnior, formado na Bahia. Os dois tinham formação acadêmica para justificar seus argumentos, contudo cada qual se apoiou numa visão teórica específica. Inclusive, o Dr. Silva Júnior acusa o Dr. Abdon Milanez de não estar “atualizado” a respeito das leituras sobre patologia médica. Essa história também faz referência a uma disputa de poder entre os médicos em busca da autoafirmação de seus estudos particulares e de seus métodos de cura.

¹⁸ Em um artigo da revista *Saeculum*, Serioja R. C. Mariano apresenta a trajetória de Antonio da Cruz Cordeiro e mostra a sua produção intelectual. São textos que vão de tratados médicos, sobre o cólera *Instruções Sanitárias Populares* (1862), passando por uma peça teatral *Prólogo da Guerra ou o Voluntário da Pátria* (1865), um drama encenado em algumas capitais do Império como Salvador e Recife, até biografia, alvo de críticas do Dr. Milanez, intitulada *Estudos Biográficos: o vigário Joaquim Antonio e algumas de suas peças oratórias* (1866), entre artigos em jornais (MARIANO, 2015b).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final dessa peleja, como ficou a situação do paciente? Será que ele se curou? A resposta ao que tudo indica é negativa. Encontramos algumas informações sobre o desfecho dessa história que nos ajudam a compreender a sua trajetória até o óbito e o seu enterro no cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro em 1896 (JORNAL DO BRASIL, 11 mai. 1896). Segundo informações do *Jornal do Recife*, o Sr. Chacon teria viajado, em julho de 1877, no vapor inglês *Iberia*, e passado um ano na Europa em busca de ajuda para tratar da sua saúde, que “ainda não pôde recobrar” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 18 abr. 1878). Mas, pelo visto, não obteve êxito, pois já em 1882 as notícias davam conta de que o mesmo estava “gravemente enfermo” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 17 out. 1882). Essa situação se arrastou até 1896, ano do seu falecimento. Após a leitura da documentação, os indícios apontam que a causa da morte poderia ter sido gerada pelo agravamento da doença que causou a peleja entre os médicos.

O que se observa nas cartas publicadas nos jornais acerca do diagnóstico e tratamento do paciente, independentemente de quem estava certo ou não, é uma correlação de forças que envolvem, além das diferenças no discurso médico, o saber médico como uma projeção social. Mostrar os erros, a “ignorância” do colega no diagnóstico e tratamento do enfermo, trazendo para o debate outros médicos que se envolveram nas discussões, aponta as fragilidades, rivalidades e disputas dentro da classe médica.

As concepções médicas se direcionavam para a constituição de diagnósticos bastante incipientes, retratando assim um cenário de dúvidas em que pensar a relação corpo e doença foi um desafio para o campo médico em construção no Brasil Império. Nesse contexto, as faculdades de medicina, as sociedades, os periódicos e o discurso médico que dominava esses espaços atuaram como principal meio de difusão de ideias e de disputas médicas sobre concepções de saúde e de doença.

Como apresentado ao longo da narrativa, as interpretações sobre as doenças diferiam assim como a terapêutica aplicada a cada doente. Esse conflito de ideias entre médicos envolvia relações de saber e poder, e ocupou as páginas dos impressos, principalmente jornais, e das atas nas reuniões da Academia Imperial de Medicina.

O fato apresentado ao longo dessas páginas abre um leque de possibilidades interpretativas e de pesquisa com temas como o corpo, a saúde, a doença, a elite médica, medicina e sociedade, terapêutica médica, dentre outros, e coloca em protagonismo o estudo da história da saúde e das doenças no Brasil oitocentista. Ao final dessa peleja, não

sabemos como ficou a situação do paciente. Será que ele se curou? Infelizmente, a documentação não nos permitiu apontar o desfecho dessa história.

REFERÊNCIAS

A OPINIÃO. Disponível em: Hemeroteca da Biblioteca Nacional <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em. 15 mar. 2021.

ABREU, Alzira Alves de (Coord.) **Dicionário Histórico-Biográfico da Primeira República. 1889-1930**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2010.

ARAÚJO, Fátima. **Paraíba: Imprensa e Vida. Jornalismo e Impresso – 1826 a 1984**. João Pessoa: GRAFSET, 1986.

CASTRO, Oscar Oliveira. **Medicina na Paraíba: flagrantes de sua evolução**. João Pessoa: A União, 1945.

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Formulário ou guia médico**. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1841.

CORADINE, Odaci Luiz. A Formação da Elite Médica, a Academia Nacional de Medicina e a França Como Centro de Importação. **Estudos Históricos**, São Paulo, n. 35, p. 3-22, jan.-jun. 2005.

EDLER, Flávio Coelho. **A medicina no Brasil Imperial: clima, parasitas e patologia tropical**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. **A Arte de Curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002.

MACHADO, Roberto; LOUREIRO, Ângela; LUZ, Rogério; MURICY, Katia (Orgs.). **Danação da norma: Medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MARIANO, Nayana Rodrigues Cordeiro. **Educação pela higiene: a invenção de um modelo hígido de educação escolar primária na Parahyba do Norte (1849-1886)**. João Pessoa: Ideia, 2015.

MARIANO, Serioja Rodrigues Cordeiro. **Entre a Medicina, a Política e a Poesia: a trajetória do Dr. Antonio da Cruz Cordeiro na Província da Paraíba na segunda metade do Oitocentos**. **Seaculum – Revista de História**. n. 33, p. 299-318, jul.-dez. 2015.

MARIANO, Serioja Rodrigues Cordeiro; SILVA, Wuendisy Fortunato da. **“Para Que a Saúde Pública Desta Província Seja Elevada ao Grão de Aperfeiçoamento”**: saber, poder e discurso médico na Paraíba Imperial (1870-1879). **Anais do Encontro de História da UEPB**, p. 12. Guarabira. 2016.

MOURA, José Francisco de (Org.) **Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Estado da Parahyba**. Parahyba do Norte: Imprensa Oficial. 1899.

NANCI, Leonzo. A propósito do Beribéri. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, v. 5, n. 2, p. 86-93, jul.-dez. 2012.

O DESPERTADOR. **Jornais e Folhetins Literários da Paraíba no século XIX.** Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/diversos.html>. Acesso em: 15 fev. 2021.

O PUBLICADOR. **Jornais e Folhetins Literários da Paraíba no século XIX.** Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/diversos.html>. Acesso em: 15 fev. 2021.

PIMENTA, Tânia Salgado. Terapeutas populares e instituições médicas na primeira metade do século XIX. In: CHALHOUB, Sidney; MARQUES, Vera Regina Beltrão; SAMPAIO, Gabriela dos Reis; GALVÃO SOBRINHO, Carlos Roberto (Orgs.). **Artes e Ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social.** Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. **Nas Trincheiras da Cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial.** Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

SOUZA, Thiago Oliveira de. **Imprensa e Instrução na Parahyba do Norte: culturas educacionais políticas nos anos de 1880.** Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

VIANA, Iamara da Silva. **Charlatanismo no Discurso Médico: questões políticas e culturais na primeira metade do Oitocentos.** In: XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento Histórico e Diálogo Social. p. 1-10. Natal: ANPUH, 2013.

VIEIRA, Risomar da Silva. **Parahyba, Vida e Saúde: cenários de tempos deletérios.** João Pessoa: Ideia, 2015.



www.revistafenix.pro.br

RECEBIDO EM: 22/03/2021 PARECER DADO EM: 11/05/2021